

JORNAIS E JORNALISTAS EM SOROCABA NO TEMPO DO IMPERADOR (1842/1889)

Geraldo Bonadio *

OBJETIVOS DO TRABALHO

O presente trabalho pretende relacionar as fontes disponíveis para o estudo da História da Imprensa em Sorocaba, SP, no período que vai do surgimento do primeiro jornal, durante a Revolução Liberal, à proclamação da República. Essas fontes serão igualmente úteis a quem pretenda pesquisar, em sentido amplo, a História do período, usando a imprensa como fonte de documentação.

O autor cingiu-se, deliberadamente, às hemerotecas públicas e particulares de Sorocaba. O texto indica, precisamente, os jornais da época que nelas podem ser encontrados. Faz, ainda, referência genérica a outros documentos importantes para a compreensão daquele momento histórico.

Com base na pesquisa documental e no confronto com outras listagens conhecidas, elaborou-se uma cronologia crítica da imprensa sorocabana naquelas quase cinco décadas. Ela resume as características formais e de conteúdo dos periódicos de então e identifica alguns erros que, por falta de cotejo com as fontes primárias, vêm sendo repetidos em algumas cronologias freqüentemente compulsadas.

A TIPOGRAFIA NO BRASIL

É fato conhecido que o instrumental e os insumos essenciais à impressão foram desenvolvidos na China. Naquele país, já se realizavam trabalhos impressos em papel, com o uso de tipos móveis, “por volta dos séculos VII e VIII”.¹ No entanto, o domínio das técnicas necessárias à produção do papel, da tinta, do tipo móvel e de equipamentos impressores não ocasionaram no Oriente, efeitos minimamente assemelhados àqueles que a introdução de tais produtos e a reinvenção da tipografia haveriam de acarretar na Europa e, posteriormente, no mundo inteiro, séculos depois.

Do mesmo modo, sabe-se que o desenvolvimento das técnicas de impressão, no Ocidente, a contar do século XV, foi condição necessária, mas não suficiente, para o surgimento do jornal. Este, advertem os autores que têm se ocupado da questão, foi o resultado da conjugação das técnicas de imprimir com uma multiplicidade de mudanças sociais e econômicas.

Melvin L. De Fleur vincula o nascimento, nos Estados Unidos, de “uma verdadeira imprensa de massa”, a quatro fatores: “a transformação das funções políticas do cidadão comum”; “o crescimento do comercialismo (sic), que provocou certas modificações na estratificação social e originou o aparecimento da classe média”; “o desenvolvimento (...) da tecnologia de impressão e da fabricação do papel” e “a educação pública de massa”. A conjugação de todos esses elementos é que teria tornado possível o surgimento, a 3 de setembro de 1833, do primeiro jornal de um penny, **The New York Sun**, de Benjamin Day.²

R. Burbage, J. Cazemanjou e A. Kaspi encaram a imprensa de um penny, isto é, o jornal de baixo preço e, por isso, acessível à maioria das pessoas, como ponto terminal de um processo de extensão geográfica, avanço demográfico e descobertas tecnológicas ocorrido nos Estados Unidos.³

Na Inglaterra, de onde proveio o modelo da imprensa norte-americana, o jornal popular somente pode se desenvolver quando, além das mudanças sociais e tecnológicas necessárias, verificou-se a eliminação de um forte obstáculo de cunho local: a tributação incidente sobre a atividade periodística e publicitária. O último imposto do gênero foi suprimido em 1861.

¹ TSIEN, Tsuen-Hsuin. China: berço do papel, da imprensa e do tipo móvel. **O Correio**. Rio de Janeiro: FGV, n.2.,p. 4-11, fev 1973.

² DE FLEUR, Melvin L. A Sociedade e a imprensa de massa. In: _____. **Teoria da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971, p. 33-36.

³ BURBAGE, R. Cazemanjou, J. KASPI, A. **Os meios de comunicação nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Agir, 1973. p. 23.

Só a partir de então a imprensa de massa encontra condições plenamente favoráveis ao seu desenvolvimento.⁴

Não divergem de tais interpretações os estudiosos brasileiros.

Nilson Lage situa o jornal-empresa no rol das decorrências da Revolução Industrial⁵ e vê, por trás do crescimento das tiragens, nos países europeus e nos Estados Unidos, ao longo do século XIX, “uma relação triangular em que o produtor de informações busca atrair o interesse de um público, que retribui consumindo produtos (industriais, de serviços ou ideológicos) do sistema econômico-ideológico. Este gratifica o produtor de informações com verbas publicitárias, financiamento e apoio social.”⁶

Por sua vez, Nelson Werneck Sodré, numa abordagem marxista do tema, sustenta que “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento capitalista”.⁷

Neste trabalho, isola-se o caso de Sorocaba, no interior paulista, para se estudar, através da análise dos 19 jornais ali publicados, entre 1842 e 1889, a transição para a imprensa diária. Nele, busca-se demonstrar que, sem prejuízo das peculiaridades inerentes ao nosso país- que, mesmo no momento atual, não nos tem permitido contar com uma verdadeira imprensa de massa⁸ - aquele processo desenvolveu-se sob o impacto de influências que guardam alguma similaridade com as que, no século XIX, concorreram para a difusão do jornal nos EUA e na Europa.

A escolha das balizas cronológicas é de fácil explicação. O ano de 1842 assinala o aparecimento do primeiro jornal sorocabano e do interior paulista, ali editado em função de circunstâncias que pouco tinham a ver com a realidade local. O de 1889, em que a República é proclamada, corresponde ao atingimento de um objetivo buscado com determinação, por alguns dos mais destacados jornalistas sorocabanos, inclusive o que mais longa e profunda atuação teve ao longo do período, Manoel Januário de Vasconcelos, que, naquele ano, editava o **Diário de Sorocaba**.

⁴ UNWIN, Philip Soundy, UNWIN, George. History of publishing. In: **Encyclopaedia Britannica**. 15ª ed. Macropaedia, Chicago, 1978. p. 241, v. 15.

⁵ LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 21.

⁶ Idem, p. 22-3

⁷ SODRE, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 1.

⁸ O jornal brasileiro de maior tiragem, a Folha de São Paulo, publica aos domingos, quando sua circulação paga atinge o pico, 641.659 exemplares. (Caderno de Mídia. **Imprensa**. São Paulo, Feeling, nº 78, MAR-1994, p. 124. A circulação de jornais diários, no Brasil, atinge uma média de 54 exemplares por mil habitantes, contra 88 por mil na Argentina, 316 por mil na Bélgica e 585 por mil no Japão. (**Book of the year - 1993** . Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1993).

Buscar-se-á dar, a cada publicação, tratamento de alguma profundidade, que fixe o contexto em que se originou e o situe, de modo tão preciso quanto possível, contra o cambiante pano de fundo de uma cidade que, em menos de meio século, sediou a mais veemente reação liberal contra o conservadorismo centralizador e escravista⁹; produziu “o primeiro projeto maçônico abolicionista” do Brasil, anterior, inclusive, ao conhecido projeto de Rui Barbosa, aprovado em 1870 pela Loja América, de São Paulo¹⁰; tornou-se um importante centro difusor do plesbiterianismo no sudoeste paulista, quebrando o monolitismo católico da sociedade brasileira de então¹¹; foi um centro de idéias republicanas cujos líderes não estavam ligados à produção cafeeira¹² e transitou da condição de grande empório de muare-animaís que serviam de base à tropa arreada, único sistema de transporte terrestre que o Brasil possui até o advento da ferrovia¹³ - para a de importante centro têxtil e ferroviário em que impérios fabris como o de Matarazzo¹⁴ e as Indústrias Votorantim¹⁵ começaram a ser construídos.

Quer ainda evidenciar que, no curso de tais mudanças e em razão delas é que se opera a transição da imprensa não periódica, de conteúdo essencialmente partidário, para um jornalismo apto a refletir os interesses de um público mais amplo, conquanto, obviamente, muito menor que aqueles que tornou possível, nos países mencionados ao início, os jornais de tostão. Dessa transição se originam, primeiro, jornais periódicos e, por fim, a imprensa diária.

NASCE A IMPRENSA DO INTERIOR

⁹ BONADIO, Geraldo. **A agonia do projeto liberal. O Jornal O Tebyreçá e a revolução de 1842**. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 1992.

¹⁰ CASTELANI, José. **A maçonaria e o movimento republicano brasileiro**. São Paulo: Traço, 1989, p. 124.

¹¹ FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Casa Editora Plesbiteriana, 1959. v. 1.

¹² ALEIXO IRMÃO, José. **A Perseverança III e Sorocaba**. v. 1. Sorocaba: [Fundação Ubaldino do Amaral], 1969.

¹³ GOULART, José Alípio. **Tropas e tropeiros na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista, 1961. p. 49.

¹⁴ MARTINS, J. Souza. Origens e transformações do Grupo Matarazzo. In: _____. **Empresário e empresa na biografia do Conde Matarazzo**. Rio de Janeiro: UFRJ/ICS, 1967. p. 21-40.

¹⁵ SCANTIMBURGO, João de. Quem foi Antônio Pereira Ignácio. In: _____. **José Ermírio de Moraes. O homem - a obra**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. 108-118.

No dia 27 de maio de 1842, circulava em Sorocaba, há dez dias agitada pela Revolução Liberal, o primeiro número de **O Paulista**.

Redigido pelo Pe. Diogo Antônio Feijó e impresso na tipografia de Hércules Florence, inventor da fotografia¹⁶ e pai da iconografia paulista, então instalada na residência de José Joaquim de Lacerda, presidente da Câmara do município, era o primeiro órgão de imprensa editado na Província, fora da Capital.

De pequeno formato- 16 x 22 cm, com mancha impressa de 11,5 x 17 cm- apresentava-se como impresso “na Tipografia do Governo”. É que, desde dia 17, quando se iniciara o movimento, Sorocaba fora declarada capital provincial; Tobias de Aguiar aclamado Presidente e Feijó- que um mensageiro a cavalo, mandado a toda pressa, conseguira avisar, às 22 horas do dia 18, na chácara em que residia, em Campinas- investido nas funções de Vice-Presidente e editor do órgão oficial. Para viabilizar aquela tarefa, pusera-se de imediato a caminho, levando consigo Florence e sua tipografia e chegara a Sorocaba na noite do dia 21.

Na Capital revolucionária, “diante de uma mesa, o ex-Regente passava horas esquecidas a rabiscar tiradas patrióticas e objurgatórias contra o Governo [legal].”¹⁷

De **O Paulista** foram tirados três outros números, além do que circulou a 27 de maio. O segundo saiu no dia 31; o terceiro no dia 8 de junho e o quarto e último no dia 16. Praticamente todos os que escreveram sobre a Revolução afirmam que um quinto número estaria sendo preparado quando, na manhã do dia 20, entraram em Sorocaba “os famosos **periquitos de Caxias**”¹⁸, encontrando a cidade praticamente deserta de líderes da rebelião. Apenas Feijó permanecia ali e acabou sendo preso.

Desses quatro números de **O Paulista**, apenas um exemplar do número 3 é hoje encontrável, no acervo de documentos do historiador José Aleixo Irmão, em Sorocaba. Não os possui o Arquivo Nacional, embora se pudesse imaginar que os exemplares apreendidos houvessem sido anexados à correspondência trocada, na época, entre o Presidente da Província de São Paulo, José da Costa Carvalho, com o governo central. Também não são encontráveis entre os periódicos catalogados pela Biblioteca Nacional¹⁹. Nem mesmo o Gabinete de Leitura Sorocabano,²⁰

¹⁶ KOSSOI, Boris. **Hércules Florence. 1833: A Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil**. 2ª ed., revista e aumentada. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

¹⁷ ALMEIDA, Aluísio de. **A revolução liberal de 1842**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 87-88.

¹⁸ MORAES, E. Vilhena de. Obra citada, p. 169.

¹⁹ No início de 1992, auxiliado pelos pesquisadores Ivone de Lourdes Savioli, da Fundação Ubaldino do Amaral, e Adolfo Frioli, do Museu Histórico Sorocabano, realizei pesquisas no

repositório da produção jornalística sorocabana no século XIX, conta com eles em preciosa hemeroteca. Talvez existam exemplares apensados à documentação do processo sofrido pelos líderes da Revolução em Sorocaba, mas ninguém sabe ao certo onde se encontram esses autos-conquanto os relativos aos envolvidos no Vale do Paraíba e em Minas Gerais já tenham sido há muito publicados por iniciativa do Senado.

No entanto, há pouco menos de trinta anos, aqueles quatro números eram conhecidos e, possivelmente, encontráveis no Gabinete de Leitura Sorocabano, um dos pontos referidos pelo escritor Antônio Francisco Gaspar para suas pesquisas de caráter histórico.

No artigo **“O Paulista de Sorocaba”**, que publicou no jornal *Cruzeiro do Sul*, em 27 de maio de 1965, p. 2., Gaspar, sempre metucioso na citação de fontes, nos dá o seguinte resumo de conteúdo de cada um daqueles números:

- nº 1- “Programa; Causas da Rebelião e Artigos Oficiais”;
- nº 2- “Artigos de Ofício; uma declaração de Feijó a respeito de sua viagem a Sorocaba; Providência naturais; Dados para não serem vítimas (sic) e Erro fatal”;
- nº 3- “Artigos oficiais; Erro fatal (continuação); Considerações que deveriam fazer todos os brasileiros; Desconfianças do Presidente Baiano e outros artigos e
- nº 4- “Artigos de ofício; O governalista (sic); As leis das reformas dos Códigos e A dissolução da Câmara.”

Projetada no Rio de Janeiro, para ser deflagrada em São Paulo e Minas, a Revolução Liberal já estava perdida quando principiou seu

Arquivo e nas Bibliotecas Nacionais. Na primeira daquelas instituições, tive acesso à correspondência trocada entre o Presidente da Província e o Ministro do Império, da qual microfilmei algumas centenas de peças, inclusive uma proclamação impressa em Sorocaba durante a Revolução de 1842. Mas em nenhum momento se faz, naquela documentação toda, alusão ao jornal de Feijó.

²⁰ No século passado, floresceram, em muitas cidades brasileiras, gabinetes de leitura, que foram os antepassados de nossas bibliotecas públicas. O Gabinete de Leitura Sorocabano, constituiu-se em 13 de janeiro de 1867, por iniciativa de Luis Mateus Maylasky, que conseguiu que nele fosse convertido um clube destinado a congregar alemães e seus descendentes - o *Germânia* -, do qual fora eleito presidente. Olivério Pilar, que o presidiu durante muito tempo, concorreu decisivamente para sua consolidação, provendo-o, inclusive, de sede própria, na praça mais importante da cidade. Nesse mesmo local (Praça Coronel Fernando Prestes, 21), em 27 de janeiro de 1967, a diretoria então presidida pelo advogado José Pereira Cardoso, inaugurou a nova sede em que a instituição- uma das últimas remanescentes do gênero em todo o país - funciona até hoje.

movimento inicial- a captura de um quartel, na Capital, cujo comandante era um cunhado de Tobias- foi inteligentemente evitado por Monte Alegre. Fazendo circular o boato que o líder liberal estava para ser preso, conseguiu que ele dali se retirasse, precipitadamente, rumo ao interior.²¹ As colunas, que a partir de Sorocaba e outras cidades sublevadas se organizaram para tomar São Paulo, não tinham homens nem armamentos que lhes permitissem fazer frente às forças de Caxias, despachadas do Rio de Janeiro, por via marítima, para sufocar o levante.²²

Os objetivos do fracassado movimento estão expostos no nº 1 de O Paulista, citado por Gaspar no artigo supramencionado: “(...) forçar o Ministério a retirar-se substituído por outro, que não fosse sócio ou discípulo de [Bernardo Pereira de] Vasconcelos, livrar o imperador da coação em que se achava a obter a revogação das três leis, a saber: a chamada interpretação do Ato Adicional, a Lei da Reforma do Código e a Lei do Conselho de Estado”.

A Revolução Liberal, foi movimento de cunho nitidamente monarquista. Os liberais que optaram pelo caminho das armas não discutiam o trono. Questionavam somente a amplitude das prerrogativas da Coroa. O próprio Imperador deixa isso muito claro em sua proclamação de 19 de junho.

Paradoxalmente, ela extrai a sua importância política e histórica do fato de ter sido completamente derrotada. Não tendo tido condições de criar, pela força, um impasse que conduzisse a uma solução negociada, tiveram os liberais de assistir, impotentes, o triunfo dos regressistas que restauraram, no modelo político, os traços centralizadores da Carta outorgada de 1824, que o seu Ato Adicional tentara corrigir. Com isso, foram sepultadas, em definitivo, idéias como a da monarquia **federativa**, da abolição do Poder Moderador, do Senado temporário e da liquidação do Conselho de Estado.

A derrota liberal permitiu ao Gabinete conservador abreviar a crise política do Império, naquele momento, mediante uma dosagem maciça de centralização política. Esta conduziu ao agigantamento do poder pessoal do Imperador e à perpetuação do escravismo. Desse modo, o Regresso, se livrou o trono de algumas ameaças conjunturais, inviabilizou a continuidade da monarquia a médio e longo prazo.

O segundo jornal do interior

²¹ALMEIDA, Aluísio de. Obra citada, p. 50.

²²PERECIN, Marly Therezinha Germano. Venda Grande. In: _____. **Candeias em espelho d'água**. (1777-1845). São Paulo: Loyola, 1990. p. 292-302.

Com o desaparecimento de **O Paulista** surge um pequeno mistério, ainda não plenamente solucionado, da História da imprensa em Sorocaba. Apoiando-se nos **Retalhos da Velha Campinas**, de Geraldo Sesso Jr., Paulo da Silveira Santos sustenta que, enquanto as tropas de Caxias se aprestavam para tomar a cidade, “Hércules esconde o prelo no porão da casa de um amigo e foge para Porto Feliz, enquanto Feijó permanece em Sorocaba, onde será preso por Caxias. Meses depois, serenados os ânimos, Florence vem a Sorocaba e conduz, de volta, a sua oficina tipográfica para Campinas”.²³

A tipografia de Florence realmente voltou a Campinas. Dezesesseis anos mais tarde- partir de 4 de abril de 1858- foi utilizada pelos irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva que nela imprimiram a folha conservadora denominada **Aurora Campineira**. Quer tenha sido escondido, como assegura Silveira Santos, quer houvesse sido enterrado “na estrada de Sorocaba”, como garante Freitas Nobre, o equipamento, pela sua valia, certamente foi resgatado por Florence num prazo relativamente curto. No entanto, antes de ser recambiado para Campinas, chegou a ser utilizado, em Sorocaba, para a impressão de outros jornais, um deles em 1843 e outro em 1852. Note-se que, à época, as tipografias eram escassas e mesmo na Capital só existia uma, aquela do governo, arrendada, na época, ao tipógrafo Silva Sobral.²⁴

²³ SANTOS, Paulo Ricardo da Silveira. **Contribuição para a história da Imprensa em São Paulo**. Sep. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo: Divisão do Arquivo Municipal, n. 192, 1979, p. 81-82, 1979.

²⁴ A Typographia Imparcial, de Silva Sobral, que pelo menos desde 1839 se achava instalada no prédio de número 41 da Rua Nova de São José (atualmente Libero Badaró) mereceria um estudo específico. As andanças desse estabelecimento - que outro não era senão a antiga tipografia de **O farol Paulistano**, a primeira de São Paulo - podem ser assim resumidas, com base em informações captadas na **História da imprensa de São Paulo**, de Freitas Nobre (São Paulo: Leia, 1950; cap. IV: A tipografia do Governo e o **Correio Paulistano**); na **História da tipografia no Brasil**, de Pietro Maria Bardi (São Paulo: MASP / Secretaria de Ciência, Cultura e Tecnologia, 1979, p. 212-219) e nos **Retalhos da Velha São Paulo**, de Geraldo Sesso Jr. (S.Paulo, s. ed., 1983), no tocante à denominação de logradouros.

Em 1835, ao adquirir o jornal **O Paulista Oficial**, o governo da Província se tornara, também, dono da casa de obras em que era impresso, remanescente do empreendimento pioneiro do jornalismo paulistano, de quatro anos antes. Venâncio José Lisboa, que presidiu a Província de 12 de março de 1838 a 11 de julho de 1839, logo no início de seu governo arrendou-a, por três anos, a empresa que primeiro usou a firma Silva & Cia e, posteriormente, Silva Sobral, girando sob o nome de fantasia de Typographia Imparcial.

O contrato de arrendamento venceria a 22 de maio de 1841 mas Rafael Tobias de Aguiar, em seu segundo mandato (6 de agosto de 1840 a 15 de julho de 1841), deve tê-lo

Também o segundo jornal interiorano publicou-se em Sorocaba, em 1843. Chamava-se **O Ypanema** e teve como editor Joaquim Leme de Oliveira César.

O Ypanema foi o primeiro jornal legalmente registrado perante a Câmara Municipal. Nos termos do estabelecido pelo artigo 303 do Código Criminal, seu editor, dirigiu ofício àquela Casa, a 29 de janeiro, comunicando o início da circulação. Segundo o pesquisador Domingos Alves Fogaça, só se editaram dois números, respectivamente a 29 de janeiro e 5 de fevereiro. Formato: 15,4 x 21 cm: mancha impressa de 11,7 x 16,2 cm.

O seu número 2, único que chegou até nossos dias, tem as três primeiras de suas quatro páginas ocupadas pela transcrição de um artigo acerca dos “Deveres dos Mestres e Educadores”, de um certo E. Boulmy, texto que ainda se estende por cinco linhas da página final... Esta é preenchida pelas erratas do primeiro número (quatro, no total) e por três anúncios. E são estes que conferem ao periódico de Oliveira César as honras de introdutor da publicidade, ou, mais exatamente, dos anúncios classificados na imprensa do interior.

Num daqueles anúncios, o Prof. Francisco Luís de Abreu Medeiros comunica que “abriu a sua aula no pátio da igreja nova do Rosário, na casa de número 29”, ali ministraria, de 9 às 11 e 14 às 16 horas, lições de primeiras letras.

prorrogado. Em 1843 é ainda nela - agora com a denominação de Typographia do Governo, arrendada por Silva Sobral - que se imprimem extratos dos discursos pronunciados na Assembléia Legislativa Provincial e os extratos das leis ali votadas.

Em 1844/45, o estabelecimento muda de nome ainda uma vez: Typographia Silva Sobral. Muda também de endereço, passando a funcionar na própria sede do governo, “em palácio”, como indica esclarecimento inserto sob o nome de casa de obras, nos impressos da época.

Em 1847, o irrequieto estabelecimento, ainda com o nome de Typographia Silva Sobral situava-se à Rua do Imperador, número 1. Essa rua, que primitivamente teve o nome de São Gonçalo e, após a República, recebeu a denominação de Marechal Deodoro, não mais existe: Geraldo Sesso Jr. esclarece (p. 58) que ficava “no lado direito da atual praça da Sé”.

Dois anos depois, novamente com o título de Typographia Imparcial, mas já agora pertencente a Joaquim Roberto de Azevedo Marques, vamos encontrá-la funcionando à Rua do Ouvidor, número 46 (atual Rua José Bonifácio). Em 1854, nela começa a se imprimir o **Correio Paulistano**, que nasceu como uma folha, pertencente ao mesmo Azevedo Marques e, até 1862, foi impresso num “prelo de pau movido à mão”.

Em 1863, a veterana tipografia se acha funcionando à Rua do Rosário, 49, atual Rua Quinze de Novembro.

Os outros dois são anúncios de escravos. No primeiro deles, informava-se que o alferes José Antonio da Motta, de Itu, tinha, para vender, três escravos: um casal que servia “para todo serviço de roça” e “uma mulata que sabe costurar, engomar e cozinhar”. No outro, José Soares de Almeida instava os leitores a ajudarem-no a encontrar o crioulo Salvador e sua parceira Maria, escravos de 20 e 16 anos, respectivamente, que haviam fugido de sua propriedade. A quem os prendesse e entregasse, daria uma “boa gratificação”.

Uma imprensa sem raízes

Fácil é perceber que **O Paulista** foi editado em Sorocaba mas, de certo modo, não faz parte da imprensa sorocabana. O editor, o impressor, o prelo e, em larga medida, até mesmo os motivos determinantes de sua publicação vieram de fora.

Do mesmo modo, **O Ypanema**, de Joaquim Leme de Oliveira César, pouco tem a dizer aos seus leitores sorocabanos. Ressalvado os pioneirismos decorrentes da solicitação de registro perante a Câmara, da introdução do anúncio classificado na imprensa interiorana e de haver produzido o primeiro documento impresso sobre os horrores da escravidão, na área de Sorocaba, pouco mais há a dizer sobre essa publicação.

O editor d' **O Ypanema** nasceu em São Paulo. Era filho do capitão Francisco de Sales Borralho e de dona Joaquina de Oliveira César. Chegou a Sorocaba em 1836, ano em que se casou com dona Mariana Rosa de Oliveira.

“Sendo irmão de Elias de Oliveira César Leme, Secretário da Câmara Municipal que se revoltou em 1842, - diz Aluísio de Almeida- ser-lhe-ia fácil entrar em contato com Feijó e Hércules Florence, o dono do prelo e dos tipos. Deve ter aprendido com este.

E, mais à frente:

“A lenda de que o Hércules, na derrota enterrou a tipografia deve ser o resultado do esconderijo feito por Oliveira César. Pois o jornal de 1843 mostra a marca da fábrica, como se diz. Naturalmente não durou porque o Hércules veio buscar a tipografia depois de livre ou sem perigo.”

Aluísio de Almeida a ele se refere como Joaquim de Oliveira César Leme.²⁵ Mas no pedido de registro de **O Ypanema**, anteriormente referido, ele se assina Joaquim Leme de Oliveira César.

Em 1856, ainda está em Sorocaba e publica **O Monitor**. Posteriormente, muda-se para Itu, levando seu equipamento. Ali, edita “**A Esperança**”, jornal que combateu a idéia dos sorocabanos de construir sua estrada de ferro.”²⁶

Os jornais de partido

A imprensa ressurgiu em 1852, com dois jornais: **O Cometa** e **O Defensor**.

O Cometa era um jornal de periodicidade indeterminada. As assinaturas eram vendidas em séries de 15 números, ao preço de 1\$000 para os assinantes da cidade e de 1\$500 para os de fora “**pagos adiantados**” (grifo do original). Liberal, o editor era Elias Lopes de Oliveira, em cuja casa se recebiam as subscrições. A Tipografia instalada à rua da Penha, 66, seria, conforme afirmação contida no jornal conservador **O Defensor**, a mesma de **O Paulista**, que ou teria permanecido na cidade, desde 1842, ou a ela teria sido trazida novamente. Tinha o formato 17 x 27 cm. A maior parte do espaço era preenchida por transcrições. As páginas eram divididas em duas colunas. O Gabinete de Leitura chegou a ter coleção completa. Levantamento procedido na hemeroteca, em 1979, só constatou a presença do nº 30, o último editado, que circulou a 4 de janeiro de 1843. O Museu Histórico Sorocabano possui, em sua Biblioteca, os nºs 28 e 29, talvez remanescentes da coleção acima mencionada.

O Defensor, jornal conservador de periodicidade indeterminada, surgiu para fazer frente a **O Cometa**. As assinaturas se faziam por séries de 20 números. Dirigido por Joaquim Ferreira Barbosa, era impresso na Tipografia Constitucional (rua da Cadeia, nº 12). As páginas eram divididas em duas colunas. O nº 15 circulou com apenas duas páginas. Sua circulação foi suspensa a 23 de abril de 1853, quando apareceu o nº 20. O de nº 17 apresenta a peculiaridade de estar datado de 22 de fevereiro de 1853, quando o anterior, o de nº 16, apresenta a data de 30 de março. Formato 20 x 30 cm.

Em 1856 é editado **O Monitor**, jornal liberal, de periodicidade indeterminada como os seus antecessores. Foi o segundo jornal editado por

²⁵ ALMEIDA, Aluísio de. Joaquim de Oliveira César Leme, o 2º jornalista sorocabano. **Folha popular**, Sorocaba, 12-MAR-1955.

²⁶ Idem

Joaquim Leme de Oliveira César, que treze anos antes publicara **O Ypanema**. O endereço é o mesmo de **O Cometa**: Rua da Penha, nº 66. Formato 20 x 30 cm, páginas divididas em duas colunas. Introduziu na imprensa local o folhetim e o jornalismo de serviços, publicando as partidas de correios e dos dias de audiência dos vários juizes e do delegado. Foram publicadas três séries de doze números. A circulação foi interrompida a 30 de dezembro de 1856, com o aparecimento do nº 36.

No período aqui considerado, a imprensa em Sorocaba gira em torno de querelas partidárias. Isso fica particularmente nítido em 1852/53, quando à folha liberal **O Cometa** se opõe a conservadora **O Defensor**. Com o país caminhando para o governo de conciliação, ambas desaparecem: se as cúpulas se compunham, o debate local perdia o sentido. Marcadas as eleições por círculos, em 1856, a imprensa política reaparece, com o jornal liberal **O Monitor**.

A imprensa episódica, vinculada essencialmente à sorte dos partidos políticos- e especialmente do Partido Liberal- cujos jornais não tinham periodicidade determinada, será substituída por outra, de características bastante diversas. Entre uma e outra fase, porém, vai transcorrer quase uma década que, não por coincidência certamente, é aquela que se segue à morte do mais importante chefe liberal da cidade, Rafael Tobias de Aguiar, ocorrida em 7 de outubro de 1857.

NOVOS TEMPOS, NOVOS JORNAIS, NOVAS IDÉIAS

Nas décadas que se seguem à da Revolução Liberal, a feira de muares de Sorocaba iria perdendo, gradualmente, a sua importância econômica em favor de outras atividades. Alfredo Ellis Jr., baseando-se em Aluísio de Almeida, estima que de um período de apogeu, entre 1855 e 1860, quando por ali passaram mais de cem mil animais por ano, ela transitou para uma fase de decadência. Em 1875, o número de muares ali negociados já estaria reduzido a 20.000 por ano.²⁷

O orçamento provincial espelha essa decadência. No período de 15 meses que vai de 1º de julho de 1871 a 30 de setembro de 1872, a Província arrecadou 1.592.368\$380. Desse total, o novo imposto sobre animais- das três tributações anteriores a única que ainda remanesce- representava pouco mais de 1%: 16.420\$020.²⁸

²⁷ ELLIS JR., Alfredo. **A Economia Paulista no Século XVIII (O Ciclo do Muar/O Ciclo do Açúcar)**. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1979, p. 81.

²⁸ LUNÉ, Antônio José Baptista de, FONSECA, Paulo Delfino da. **Almanak da Província de São Paulo para 1873**. São Paulo: Typografia Americana, 1873. p. 51.

Por essa época, emerge a cultura do algodão e, na esteira desta, a atividade têxtil. Manoel José da Fonseca, exportador de algodão, atento ao progresso da Província, ao aumento de sua população e à abundância de mão-de-obra, inclusive a das meninas, “que viriam a ganhar com a fundação de seu estabelecimento”, implanta, em 1882, a primeira indústria têxtil movida a vapor e operada por trabalhadores assalariados.²⁹ A Fábrica de Ferro Ipanema e o algodão motivam a construção da Estrada de Ferro Sorocabana.

Para a imprensa, abre-se, em 1866 um novo período. Nele, figura dominante será a de Luís Mateus Maylasky. Ele faz surgir, em 1866, **O Araçoiaba**, jornal voltado para a difusão da cultura do algodão, cujas excelências apregoa, e partidário da criação da indústria têxtil. A pequena folha, de circulação semanal, luta pela difusão da cotonicultura em moldes racionais, opõe-se à derrubada de matas e às queimadas e prega a adoção de novos procedimentos no trato do solo tais como a aração e adubação, o que lhe oferece uma feição muito peculiar. Nos anos seguintes, já engajado na construção da Estrada de Ferro Sorocabana, o mesmo Maylasky inspira e promove o surgimento de outros jornais voltados para a defesa de seus interesses.

As mudanças verificadas na realidade local, porém, viabilizam, a essa altura, iniciativas mais duradouras e representativas de interesse mais abrangentes. É esse o caso do **Ypanema**, de Manoel Januário de Vasconcellos, que, a contar de 1880, dá lugar ao **Diário de Sorocaba**.

A imprensa se faz, então, espelho de outras mudanças em curso na sociedade sorocabana: o advento dos movimentos abolicionista e republicano, os conflitos decorrentes da implantação da primeira igreja evangélica, etc. Reflete igualmente, as grandes preocupações nacionais do momento.

São os seguintes os jornais dessa época:

1866

O Araçoiaba- Semanário impresso na Tipografia Constitucional (Largo do Rosário, nº 1), que antes pertencera ao **O Defensor**. Apareceu a 16 de setembro de 1866 e circulou até 10 de março de 1867. Suas edições, no formato 21x30 cm, páginas divididas em duas colunas, não indicam o nome do diretor. Os artigos são sempre anônimos ou assinados com

²⁹ SCHRUDER, Adelaide da Fonseca Ferreira. **Manoel José da Fonseca: Pioneiro da Nossa Indústria**. Sorocaba: s.n., 1960, p. 20-21.

pseudônimos. Boa parte do conteúdo é, certamente, se não de autoria ao menos de inspiração de Luís Mateus Maylasky. Ubaldino do Amaral, ainda estudante, foi um de seus colaboradores desse jornal, cujos interesses, relacionados à cultura e industrialização do algodão, defende.

1870

O Sorocabano- Impresso na mesma tipografia d' **O Araçoiaba** sem indicação de diretor, este semanário pertencia a José Antônio Pereira Salles. O formato é de 21x29,5 cm, páginas divididas em duas colunas, até o nº 30. Então passa para 24x36,5 cm, com divisão das páginas em três colunas. A tipografia, que permanece no mesmo endereço (Largo do Rosário, nº 1), passa, a contar do nº 30, a chamar-se de **O Sorocabano**. O primeiro número é de 13 de fevereiro e o último número disponível- o 58- de 22 de abril de 1871. A coleção existente na hemeroteca do Gabinete de Leitura Sorocabano, é incompleta e não fornece indicação extra sobre o encerramento das suas atividades, que parece haver ocorrido no final de 1871, pois em 1872 surge, alegando a condição de seu sucessor, **O Sorocaba**. Júlio Ribeiro foi um de seus redatores, a contar de 1871.

1871

O Americano- Comercial, literário e noticioso- como se definia- este jornal começou a circular a 12 de junho de 1871, com duas edições mensais no formato 21x30,5 cm, páginas divididas em duas colunas. Posteriormente passou a circular três vezes ao mês. Impresso na Tipografia Americana (rua das Flores, nº 26), tinha como redator Francisco de Paula Oliveira Abreu. Uma particularidade gráfica é o título, que pela primeira vez na vida da imprensa local incluía uma ilustração. Interrompeu suas atividades com a edição de 1º de dezembro de 1872, a de nº 10 do ano II e quadragésima quinta em contagem consecutiva.

1872

O Sorocaba- Sucessor d' **O Sorocabano**. Impresso na Tipografia Estrela do Sul, à rua da Penha, nº 145, no formato 27x35 cm, tirava cinco a seis edições mensais de quatro páginas, divididas, cada uma delas, em três

colunas. Júlio Ribeiro foi redator dos três primeiros números. Em seguida, afastou-se, deixando o jornal exclusivamente em mãos de José Antônio Pereira Salles, editor e proprietário. Circulou até 10 de abril de 1873, quando editou o seu último número (43). Em **O Sorocaba**, Ubaldino do Amaral defendeu a implantação da Companhia Sorocabana, ferrovia da qual era um dos dirigentes.

Ypanema- Propriedade de Manoel Januário de Vasconcelos- também seu editor- , foi um dos mais duradouros jornais do período, circulando até 1880, quando veio a ser sucedido pelo **Diário de Sorocaba**. Sua tipografia ficava à Direita, 13. O formato inicial era 24 x 39,5 cm, páginas divididas em três colunas. A partir do nº 145 passa para o formato 30 x 43,5 cm com a divisão das páginas em quatro colunas. A partir desse número, figura como co-editor o bacharel Antônio José Ferreira Braga, cujo nome é mantido no expediente até 1876. Reaparece nos números 424 a 481 (1878). Daí até o final da existência desse jornal, o único nome constante é o do editor e proprietário. Inicialmente editado seis vezes ao mês, passa, depois, à condição de bissemanário.

1874

Gazeta Commercial- Jornal nascido na divergência, logo convertida em inimizade, entre Luís Mateus Maylasky, empresário que liderava as atividades de construção da ferrovia Sorocabana, e as duas principais figuras do Ypanema: Manuel Januário de Vasconcelos e o Dr. Ferreira Braga. O nº 1 é de 7 de outubro. O redator e proprietário é Júlio Ribeiro, mas o empreendimento tornou-se possível em razão do apoio de Maylasky. A tipografia Alouzet, moderníssima para a época, adquirida originariamente para produzir a papelaria necessária à Estrada de Ferro Sorocabana, foi a primeira movida a vapor a instalar-se em Sorocaba.

Funcionou inicialmente à Rua Bom Jesus, nº 1. No dia 31 de março de 1875, o nº 47 anunciou temporária interrupção nas atividades do jornal, em virtude de mudança para o prédio nº 3 da rua do Hospital. O nº 48, já impresso no novo endereço, circula a 15 de abril. A 1º de junho do mesmo ano o jornal altera o seu formato, que passa a ser de 21 x 30 cm e não mais de 29 x 40,4 cm, caindo a divisão das páginas de quatro para três colunas. Em compensação, passa de bissemanário a diário, possivelmente o terceiro a publicar-se fora da Capital. A periodicidade foi mantida até 29 de agosto, quando, com o nº 124, encerrou sua existência.

A Voz do Povo- Bissemanário lançado a 4 de outubro de 1875 por Domingos da Costa e Silva. Impresso na tipografia (própria) da rua do Hospital. Formato: 27,5 x 48 cm, matéria distribuída em três colunas até o nº

16; a partir de então 29 x 42,5 cm, quatro colunas. Último número: 55, editado a 24 de maio de 1876. Porta-voz dos interesses de Maylasky.

O Colombo- Bissemanário, a 10 de junho, sucede **A Voz do Povo**, com o mesmo editor e a mesma linha jornalística. Impresso na Tipografia Comercial (rua do Hospital, s/nº). Formato: 26,5 x 37 cm, paginação em três colunas até o nº 97; 32 x 44 cm, quatro colunas, a contar do nº 98 (15 de setembro de 1877). Interrompeu sua circulação a 29 de janeiro de 1878.

1877

O Votorantim- Redigido por Fidélis de Oliveira. Impresso na Tipografia Popular (sem endereço). Tirou apenas três números, a 7 de agosto e a 9 e 29 de setembro, no formato 21 x 30 cm. A paginação é em duas colunas no nº 1 e em três nos nº s 2 e 3.

1878

Gazeta de Sorocaba- Trissemanário pertencente a uma “associação comanditária”, apareceu a 10 de fevereiro. Impresso em oficina própria (sem endereço). O redator era o português Boaventura Gaspar da Silva Costa Barbosa, nascido em Lamego, em 1855, à época, portanto, com apenas 23 anos de idade. Jornalisticamente, assinava-se apenas Gaspar da Silva. Teve intensa atuação no jornalismo brasileiro, e, ao lado do escritor Raul Pompéia, percorreu o país em pregação abolicionista. De retorno a Portugal, foi secretário do Conservatório de Lisboa, vindo a falecer em Sintra a 17 de novembro de 1910. Em 23 de janeiro de 1893, o rei D. Carlos, de Portugal, concedeu-lhe o título de Visconde de São Boaventura.³⁰ Formato 32 x 46 cm, paginação em quatro colunas. Circulou até 10 de novembro, encerrando as atividades com o nº 101.

1880

³⁰ ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins. **Nobreza de Portugal e do Brasil**. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1961, p. 315. v. 3

As Novidades- Periodicidade indeterminada. Impresso na Tipografia popular (rua Direita, 13). Formato: 22 x 30 cm, em três colunas. Circulou entre 27 de maio e 18 de agosto, tirando onze números. Teve a finalidade de preencher o interstício entre a desativação do **Ypanema** (8 de maio) e o lançamento de o **Diário de Sorocaba** (27 de novembro).

Diário de Sorocaba- Primeiro jornal projetado para ter circulação diária, nele Manuel Januário de Vasconcelos continuaria, por mais treze anos, a saga de jornalista iniciada oito anos atrás no **Ypanema**. Impresso na Tipografia Popular, agora no nº 28 da rua Direita, tinha o formato 28 x 30 cm, páginas divididas em quatro colunas. Circulou até 19 de abril de 1893, quando o nº 2750- então, no formato 30 x 45 cm, paginação em cinco colunas- deu conta de que a publicação seria interrompida, acrescentando, quanto a essa interrupção: "não podemos precisar quanto tempo ela durará".

1882

O Trabalho- Gerenciado por J. de Castro Vasconcellos, foi jornal de efêmera duração. Os nºs 1 e 2, páginas divididas em três colunas, foram impressos na Tipografia Comercial, à rua São Bento, 24-A, em São Paulo. O número 3, de características semelhantes, também se imprimiu em São Paulo, agora na Tipografia do Diário da Manhã. A partir do nº 4, já no formato 22,5 x 32 cm, passa a ser impresso na Tipografia Americana, à rua das Flores, 23, em Sorocaba, onde são tirados apenas quatro números; o 7, que circulou a 14 de maio, veio a ser o último.

1887

A Tribuna- Bissemanário, com redação à rua do Hospital e sem indicação de diretor. Impresso no formato 24 x 33,5 cm, teve curta duração. O primeiro número apareceu a 2 de outubro e o último- o 16- a 27 de novembro.

Uma cronologia crítica

A relação da imprensa sorocabana, correspondente ao período 1842/1889, apresentada no tópico anterior, é o primeiro levantamento do gênero inteiramente elaborado a partir de fontes primárias e, por isso, capaz de servir como um referencial crítico de trabalhos similares, anteriormente realizados.

As cronologias, pela singeleza de seu objetivo e estreiteza do horizonte a que se propõem a esquadrihar, têm uma limitada função a cumprir no tocante à história da imprensa. Como observou a historiadora Maria Beatriz Nizza da Silva, somente monografias dedicadas especificamente a determinados títulos “poderão contribuir para uma história geral que não se limite a repertoriar os títulos e apor um rótulo (conservador, progressista, áulico, etc.) aos periódicos cujos exemplares chegaram até nós”.³¹

Mas, no tocante à história da imprensa em Sorocaba, carecia-se, até o presente momento, inclusive desse repertório que, mapeando as fontes a serem consultadas, facilite os posteriores estudos monográficos. Esse é o papel que, no tocante ao período 1842-89, o presente texto se propõe a cumprir.

Para a sua elaboração, o autor valeu-se de cronologias da imprensa sorocabana elaboradas em diferentes épocas, nomeadamente as seguintes:

- a) a de Alfredo Moreira Pinto, constante da página 18 do opúsculo **De S. Paulo a Sorocaba**, reeditado como anexo à edição fac-similar de **A Cidade de São Paulo em 1900**, que insere uma relação dos jornais publicados até 1893, com omissão, porém, daqueles “cuja existência foi efêmera”.³²
- b) aquela, sem autor identificado, publicada no **Almanach de Sorocaba**, para 1903, traçando um histórico da imprensa até aquela data;³³
- c) a do prof. Renato Sêneca Fleury que, no **Almanaque de Sorocaba de 1950** reproduz parcialmente o texto de seu antecessor;³⁴
- d) o manuscrito de Domingos Alves Fogaça, pertencente hoje ao Museu Histórico Sorocabano³⁵, e

³¹ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **A primeira Gazeta da Bahia: Idade d’Ouro do Brasil**. São Paulo: Cultrix/INL, p. 9.

³² PINTO, Alfredo Moreira. De São Paulo a Sorocaba. In: _____. **A cidade de São Paulo em 1900**. 2ª ed., fac-similada. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

³³ A IMPRENSA Sorocabana. **Almanach de Sorocaba para 1903**. Sorocaba: M.A.Silva & Companhia. p. 77-81.

³⁴ FLEURY, Renato Sêneca. A Imprensa Sorocabana. **Almanaque de Sorocaba de 1950**, p. 77-81.

e) a que o jornalista Alcir Guedes Ribeiro publicou no **Diário de Sorocaba**, a contar de 5 de dezembro de 1973 e que, para o período considerado, apoia-se no texto do Prof. Fleury.³⁶

As informações contidas naquelas relações foram cotejadas com as inseridas nas obras mais amplas de Freitas Nobre,³⁷ Affonso de Freitas,³⁸ Paulo Ricardo da Silveira Santos³⁹ e João Gualberto de Oliveira,⁴⁰ bem como, para o caso específico da **Revista da Associação Tributo às Letras**, com um estudo do historiador Barreto do Amaral sobre jornalismo acadêmico.⁴¹

Em paralelo, efetuei o levantamento dos jornais sorocabanos do século passado existentes nas hemerotecas do Gabinete de Leitura Sorocabano e do Museu Histórico Sorocabano e em poder de particulares.

As publicações aqui mencionadas são encontráveis na hemeroteca do Gabinete de Leitura Sorocabano, com as seguintes exceções: **O Paulista** (nº 3) e o **Ypanema** (nº 2), pertencentes ao acervo do escritor José Aleixo Irmão e **O Cometa** (nºs 28 e 29) da hemeroteca do Museu Histórico Sorocabano. Nesta última instituição encontra-se, também, farta documentação sobre o período, inclusive os livros da Câmara de Sorocaba. Outras importantes fontes manuscritas, tais como os livros de atas de várias associações da época, são encontráveis no arquivo do Gabinete de Leitura Sorocabano.

Algumas retificações necessárias

Todas as publicações mencionadas figuram nas cronologias do **Almanach de Sorocaba para 1903**; do **Almanaque de Sorocaba de 1950**; de Alcir Guedes Ribeiro, (publicado no **Diário de Sorocaba**) e, ainda, nos apontamentos manuscritos de Domingos Alves Fogaça, estes últimos recolhidos ao Museu Histórico Sorocabano.

³⁵ FOGAÇA, Domingos Alves. **Jornais de Sorocaba**. Museu Histórico Sorocabano, 1967, Manusc.

³⁶ RIBEIRO, Alcir Guedes. **Cabe a Sorocaba a primazia da Imprensa do Interior**. Diário de Sorocaba, 5 dez. 1973, p. 16.

³⁷ NOBRE, Freitas. **História da Imprensa de São Paulo**. São Paulo: Leia, 1950.

³⁸ FREITAS, Affonso A. **A Imprensa Periódica de São Paulo Desde Seus Primórdios em 1823 até 1914**. São Paulo: Diário Oficial, 1915.

³⁹ SANTOS, Paulo Ricardo da Silveira. **Contribuição para a história da Imprensa em São Paulo**. Sep. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, nº 192, 1979.

⁴⁰ OLIVEIRA, João Gualberto de. **Nascimento da Imprensa Paulista**. São Paulo: s.n., 1978.

⁴¹ AMARAL, Antonio Barreto do. **Jornalismo Acadêmico**. separata da **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, nº 190, 1977.

As três últimas fontes, incluem, também, um jornal que não existiu: o **Horatius**, apontado como o primeiro diário que circulou em Sorocaba. A mesma informação é divulgada por João Gualberto de Oliveira, em obra arrolada na bibliografia deste texto. A causa do equívoco está numa transcrição apressada do texto do **Almanach** de 1903, em função da qual se tomou o nome do autor de uma frase usada como lema para **Gazeta Comercial**, em sua fase diária, como se fora o nome de um outro jornal. Em suma: o **Horatius** foi apenas um erro de paginação- e de leitura...

Em todas as cronologias citadas figura a **Revista da Associação Tributo às Letras** como se fora uma publicação sorocabana. É outro erro. Aquela **Revista**, “onde se encontra a produção poética de (Fagundes) Varela, durante o ano de 1806, é uma das mais raras, senão a mais rara de quantas o sejam publicadas em S. Paulo, há um século”.⁴² Ou seja: trata-se de publicação editada na Capital e não em Sorocaba.

A confusão talvez se deva ao fato de integrarem a diretoria da Associação- e da Revista- pessoas muito ligadas a Sorocaba, tais como Ubaldino do Amaral (1º secretário da 1º Diretoria, em 1863), Luís Nicolau Fagundes Varela (1º orador e membro da Comissão de Literatura) e José Rubino de Oliveira (membro da comissão de Filosofia). Segundo as cronologias referidas, a **Revista** teria circulado em Sorocaba em 1866. Barreto do Amaral e, antes dele, Affonso A. de Freitas dão como data inicial de sua publicação 1863, tendo a sua existência se prolongado, pelo menos, até 1866.

Freitas Nobre menciona, em sua relação, os jornais **O Paulista, O Cometa, O Defensor, O Sorocabano, Sorocaba, Ypanema, A Voz do Povo** (dado, porém, como de 1873), **O Colombo, Gazeta de Sorocaba, O Diário de Sorocaba e A Tribuna**.

Moreira Pinto registra a existência de **O Cometa, O Defensor, O Monitor, O Araçoiaba, O Sorocabano, O Americano, Sorocaba, Ypanema, Gazeta Comercial, A Voz do Povo, O Colombo, Gazeta de Sorocaba e Diário de Sorocaba**, acrescentando que outros terão existido, em caráter efêmero.

Rumo ao Jornal Contemporâneo

⁴² AZEVEDO, Vicente de Paula Vicente. Apresentação, In: _____ (coordenador). **Dispersos de Fagundes Varela**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970. p. 5-15.

Os jornais em 1889 continuavam a tirar edições de apenas 4 páginas, como seu precursor, de 1842. Já incorporavam, no entanto, vários dos traços mais importantes da imprensa da época.

Estáveis ou efêmeros, eles, a partir do **Sorocaba**, absorveram a tradição do folhetim. Em 1876, **O Colombo** publica, em rodapé, “O regresso de Rocambole”. Já os jornais de Júlio Ribeiro e Manoel Januário de Vasconcelos buscam fórmulas nacionais da história em capítulos. Este último, com o título de “Por entre as sombras de futuro”, publica uma história inspirada na Revolução de 1842; Ribeiro, na **Gazeta Commercial**, edita, em parcelas, o famoso “Padre Belchior de Pontes”. Nem mesmo **As Novidades**, de brevíssima duração, deixa de ter o seu folhetim.

Os clichês, inventados em Paris em 1860 e introduzidos na imprensa norte-americana em 1870,⁴³ um ano mais tarde estão no título de **O Americano** e, em seguida, são adotados por outros jornais. Em 1875, Júlio Ribeiro, possivelmente mobilizando toda a coleção de que dispunha a **Gazeta Commercial**, publica uma página com vinte deles.

Outra novidade logo incorporada é a publicidade. O **Diário de Sorocaba**, em 1882, na sua edição de 5 de março, anuncia produtos e serviços tão diversos como sulfureto de carbono, para combate à saúva, que poderia ser adquirido “na casa dos agentes Bruhns & C.”, em São Paulo; queijos de Faxina (atual Itapeva), à venda na casa de Quim de Azevedo, assim como na do Marlino; vinho do Porto, em barris; ostras, lagostas, peixes, lombos, lingüiça e doces em calda, em conservas; sementes de hortaliça; remessas de dinheiro para a Itália- através dos já mencionados Bruhns & C.- e papéis para embrulho, à venda na tipografia da casa.

A publicidade de remédios do Dr. Ayer é freqüente, a partir de 1875. Em janeiro a **Gazeta Commercial** publica anúncio ilustrado da Salsaparrilha Ayer, depurativo que se propunha a cura a “infecção sífilítica”; em março, o peitoral de cereja, para “tosses, defluxos, catarros, bronquites, coqueluches, asma, constipações, etc.”; do “Vigor do cabelo do Dr. Ayer”, apontado como remédio infalível contra a alopecia”.

Numerosos, também, são os anúncios de serviços de sapateiros e relojoeiros e, quando de sua passagem pela cidade, de dentistas e médicos itinerantes. Encontram-se, também, anúncios daqueles profissionais que têm consultórios fixos- como o Dr. Virgílio Augusto de Araújo, que, em 1874, através da mesma **Gazeta Commercial**, faz saber que “tem seu consultório, médico cirúrgico, à rua do Rosário, nº 27. (nº 9, 4-NOV-1874, p. 4).

⁴³ EMERY, Edwin. **História da Imprensa nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Lidador, 1965, p. 438

Provavelmente entalhadas em madeira são as ilustrações dos anúncios dos fumos Ypanema e Sorocaba, este desfiado, ambos publicados na **Gazeta Commercial** de 25 de novembro de 1874.

Os jornais tornam-se, também veículo de comunicados de pessoas e instituições, estampando de convites para cultos evangélicos e convocações para eleições de lojas maçônica.

Por vezes os critérios editoriais eram colocados em xeque por certas publicações. Assim, o Ypanema de 20 de abril de 1872 publica o seguinte comunicado: “Atenção- Chegou nesta cidade, na hospedaria do sr. Mendes, à rua S. Paulo, um perfeito curador de morféia. Pede e espera de todas as pessoas que forem afetadas da moléstia ou que tenham pessoas para mandarem curar, toda proteção.” (nº 58).

Na edição seguinte, quatro dias depois, a redação, se dando conta do mau serviço que o anúncio prestara à comunidade, divulga a seguinte nota: “Curandeiro: A polícia dorme nesta terra, como sempre, o sono da indiferença. No último número desta folha apareceu um sr. como perfeito curandeiro de morféia. Chamamos a atenção da polícia para este especulador.”

Era, certamente, um precursor dos “Erramos”, da imprensa de nossos dias.

O público receptor não era dos maiores, ao ser proclamada a República. Mas, certamente, crescera muito em relação ao número dos leitores das polêmicas entre “**O Cometa**” e “**O Defensor**”.

Fiéis ao modelo francês, que dominou em nossa imprensa até data recente, os jornais tinham dificuldades em distinguir notícias de comentários. Mas acompanham os debates nacionais do período, seja o assunto em foco a Guerra do Paraguai, a libertação dos escravos ou a proclamação da República.

.....

FONTES PESQUISADAS:

Hemerotecas

Hemeroteca do Gabinete de Leitura Sorocabano

Hemeroteca do Museu Histórico Sorocabano

Acervo Documental de José Aleixo Irmão

Jornais

Americano, O. Sorocaba, SP. Tipografia Americana. 12-JUL-1971 a 1º-DEZ- 1972, nº 1 a 36 (ano 1) e 1 a 10 (ano 2).

- Araçoiaba, O.** Sorocaba, SP. Tipografia Constitucional. 16-SET-1866 a 10-MAR-1867, nº 1 a 130.
- Colombo, O.** Sorocaba, SP. Tipografia Comercial. 10-JUN-1875 a 29-JAN-1878, nº 1 a 130.
- Cometa, O.** Sorocaba, SP. Tipografia de Elias Lopes de Oliveira. DEZ 1852, nº 28 e 29.
- Defensor, O.** Sorocaba, SP. Tipografia Constitucional. 27-AGO-1852 a 23-ABR-1853, nºs 1-20.
- Diário de Sorocaba.** Sorocaba, SP. Tipografia Popular. 27-NOV-1880 a 19-ABR-1853, nºs 1 a 2.750.
- Gazeta Commercial.** Sorocaba, SP. Tipografia da Gazeta Commercial. 7-OUT-1874 a 29-AGO-1975, nºs 1 a 124.
- Gazeta de Sorocaba.** Sorocaba, SP. Tipografia da Gazeta de Sorocaba. 10-FEV-1978 a 10-NOV-1878, nºs 1 a 101.
- Monitor, O.** Sorocaba, SP. Tipografia de Joaquim Leme de Oliveira César. 12-SET a 30-DEZ-1956, nºs 23-33 e 35-36.
- Novidades, As.** Sorocaba, SP. Tipografia Popular. 27-MAIO a 18-AGO-1880, nºs 1 a 11.
- Paulista, O.** Sorocaba, SP. Tipografia do Governo. 8-JUN-1942, nº 3.
- Sorocaba, O.** Sorocaba, SP. Tipografia Estrela do Sul. 1º-SET-1872 a 10-ABR-1973, nºs 1 a 43.
- Sorocabano, O.** Sorocaba, SP. Tipografia Constitucional. 13-FEV-1870 a 22-ABR-1971, nºs 1 a 58.
- Trabalho, O.** Sorocaba, SP. Tipografia Comercial (São Paulo), Tipografia do Diário da Manhã (São Paulo) e Tipografia Americana. 1º-JAN-1882 a 14-MAIO-1882, nºs 1 a 7.
- Tribuna, A.** Sorocaba, SP., sem título, 2-OUT a 27-NOV-1887, nºs 1 a 16.
- Votorantim, O.** Sorocaba, SP. Tipografia Popular. 7-AGO a 29-SET-1975, nºs 1 a 3.
- Voz do Povo, A.** Sorocaba, SP. Tipografia d'A Voz do Povo. 4-OUT-1975 a 24- MAIO-1876, nºs 1 a 55.
- Ypanema, O.** Sorocaba, SP. Tipografia de Joaquim Leme de Oliveira César. 29-JAN-1843, nº 2.
- Ypanema.** Sorocaba, SP. Tipografia do Ypanema. 25-ABR-1872 a 8-MAIO-1880, nºs 1 a 700.

Manuscritos

1. FERNANDES, Waldemar Iglésias. Jornais Sorocabanos dos Anos de 1852 a 1892. Gabinete de Leitura Sorocabano, 1979. 73 p.
2. FOGAÇA, Domingos Alves. Jornais de Sorocaba. Museu Histórico Sorocabano, 1967.

Fontes Impressas

3. A IMPRENSA Sorocabana. **Almanach de Sorocaba para 1903**. Sorocaba: M.A.Silva & Companhia. p. 77-81.
4. ALEIXO IRMÃO, José. **A Perseverança III e Sorocaba (Da Fundação à República)**. Sorocaba: Fundação Ubaldo do Amaral, 1969.
5. Júlio Ribeiro. Sorocaba: sem nome, sem data.
6. AMARAL, Antônio Barreto do. **Jornalismo Acadêmico**. Sep. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, nº 190, 1977.

7. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL. **Quadro das rendas provinciais pertencentes ao ano financeiro de 1841/42**. São Paulo, 1842.
8. AZEVEDO, Vicente de Paula Vicente. Apresentação, In: (coordenador) **Dispensos de Fagundes Varella**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970. p. 5-15
9. BONADIO, Geraldo. **A agonia do Projeto Liberal. O jornal O Tebyreçá e a Revolução de 1842**. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 1992.
10. DONATO, Hernani. **Achegas para a História de Botucatu**. Ed. reescrita. Botucatu: Banco Sudameris/ Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985.
11. DUARTE, Paulo. **História da Imprensa em São Paulo**. São Paulo: ECA/USP, 1972
12. ELLIS JR. Alfredo. **A Economia Paulista no Século XVIII (O Ciclo do Muar/ O Ciclo do Açúcar)**. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1979.
13. EMERY, Edwin. **História da Imprensa nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.
14. FLEURY, Renato Sêneca. A Imprensa Sorocabana. **Almanaque de Sorocaba de 1950**, p. 77-81.
15. FREITAS, Affonso A. **A Imprensa Periódica de São Paulo Desde Seus Primórdios em 1823 até 1914**. São Paulo: Diário Oficial, 1915.
16. KOSSOI, Boris **Hercules Florence. 1833: A Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil**. 2.ed. rev. e aum. São Paulo: Duas Cidades, 1980.
17. LUNÉ, Antônio José Baptista de, FONSECA, Paulo Delfino da. **Almanak da Província de São Paulo para 1973**. São Paulo: Typografia Americana, 1873.
18. MELO, José Marques de. **Sociologia da Imprensa Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1973.
19. MULLER, Daniel Pedro. **Ensaio de um Quadro Estático da Província de São Paulo**. 3. ed., fac-similada. São Paulo: Governo do Estado, 1978.
20. NOBRE, Freitas. **História da Imprensa de São Paulo**. São Paulo: Leia, 1950.
21. OLIVEIRA, João Gualberto de. **Nascimento da Imprensa Paulista**. São Paulo: s.n., 1978
22. PINTO, Alfredo Moreira. **De São Paulo a Sorocaba**. In: **A cidade de São Paulo em 1900**. 2. ed., fac-similada. São Paulo: Governo do Estado, 1979.
23. RIBEIRO, Alcir Guedes. **Cabe a Sorocaba a primazia da Imprensa no Interior**. Diário de Sorocaba, 5-DEZ-1973, p. 16.
24. RIZZINI, Carlos. **O jornalismo da tipografia**. São Paulo: Nacional, 1968.
25. SAES, Flávio de Azevedo Marques. **As ferrovias de São Paulo (1870- 1940)**. São Paulo/Brasília: Hucitec- INL/MEC, 1981.
26. SANTOS, Paulo Ricardo da Silveira. **Contribuição para a história da Imprensa em São Paulo**. Sep. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, nº 192, 1979.
27. SCHRUDER, Adelaide da Fonseca Ferreira. **Manoel José da Fonseca: Pioneiro da Nossa Indústria**. Sorocaba: s.n., 1960.
28. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **A primeira Gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brasil**. São Paulo: Cultrix/INL, 1978.
29. SODRÉ, Néelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
30. ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins. **Nobreza de Portugal e do Brasil**. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1961 p. 315. 3 volumes.

- * Sócio-Fundador Efetivo da ASBRAP. Sócio Efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. Mestre em Ciências da Comunicação, pela Faculdade de Comunicação Social “Cásper Líbero”, e em Planejamento e Desenvolvimento Regional, pela Universidade de Guarulhos. Coordenador do Curso de Comunicação Social da Universidade de Sorocaba.